

Vivendo em um ‘*pueblo de indios*’: jesuítas e missões nas fronteiras do império

Exercising Regional Settled in a ‘*pueblo de índios*’: Jesuits and missions on the frontiers of the empire

Maria Cristina Bohn Martins¹



Resumo: O artigo examina experiências vividas pelos jesuítas que trabalharam nas “Missões Austrais” (1740-1753), especialmente no que diz respeito ao povoado de *N^{ra} S^{ra} de la Concepción de los Pampas*, na atual Província de Buenos Aires. Cartas, informes, expedientes e relatos de jesuítas e de membros do governo colonial referentes à fundação, funcionamento e abandono deste “*pueblo de indios*”, serão analisados criticamente para discutir os efeitos desta experiência sobre a subjetividade dos religiosos. Para tanto, além do trabalho com as fontes, também nos valeremos da comparação com situações de natureza similar em outras áreas de missão, bem como do debate com a historiografia.

Palavras-chave: Jesuítas; Indígenas; Fronteira; Missão; Subjetividade.

Abstract: The article studies the experience of Jesuit missionaries who worked in the “Austral Missions” (1750-1753) in the current territory of the Province of Buenos Aires. The sources that support the research are letters and reports from Jesuits and members of the colonial government, referring to the foundation, functioning and abandonment of that “*pueblos de indios*”. It will be critically analyzed seeking to understand the effects of this experience on the subjectivity of religious people. Therefore, in addition to working with sources, we will also make use of comparisons with situations of a similar nature, in other mission areas, as well as the debate with historiography.

Keywords: Jesuits; Indians; Frontier; Mission; Subjectivity.

Maria Cristina Bohn Martins
Vivendo em um ‘*pueblo de indios*’:
jesuítas e missões nas fronteiras do império



El cuerpo (ejemplar) de los misioneros pretendia salvar la discontinuidad geográfica de una Europa que no estaba y no podía reproducirse por entero en América, por medio de um ‘repertorio’ que metonimicamente la representara (DEL VALLE, 2009).

Analisando um conjunto de textos elaborados por missionários jesuítas que atuaram em *El Nayar*, *Sonora* e *Baja California*, na Nova Espanha, Ivonne del Valle (2009) avaliou que a experiência em regiões fronteiriças podia resultar em agudas transformações no campo da subjetividade dos religiosos. Segundo ela, nas fronteiras coloniais ocorria um debilitamento geral do universo ocidental, ensejando um abatimento na constituição física, mental e linguística dos missionários, o que se revelava, inclusive, em estados de ânimo deprimidos entre alguns deles. A partir das reflexões que esta conclusão instiga, o presente artigo examina experiências vividas pelos jesuítas que trabalharam em missões assentadas na área de campos que se abre ao sul de Buenos Aires², buscando refletir sobre sua experiência nesta fronteira colonial em particular. Assim como no caso da Nova Espanha, estamos aqui frente a um espaço marcado pela dificuldade de os poderes coloniais imporem-se diante dos indígenas, condição que permite as aproximações que faremos ao longo do texto. Nossa atenção estará voltada de forma especial, mas não exclusiva, para redução de *N^{ra} S^{ra} de la Concepción de los Pampas* (1740-1752).³

O trabalho se vale da historiografia que estuda as fronteiras coloniais e as missões (HAUSBERGER, 1996; IGLESIAS, 1999; JACKSON, 2003; ARIAS, 2007; IRRURTIA, 2007; DEL VALLE, 2009; MARTINS, 2018; FELIPPE; PAZ, 2019), e analisa cartas e crônicas elaboradas por padres da Companhia de Jesus (LOZANO, 1928; CARDIEL, [18--?]; 1930; SANCHEZ-LABRADOR, 1936). Examina, também, documentos de arquivo provenientes da administração colonial, particularmente: ACUERDOS del Extinguido Cabildo de Buenos Aires (ACUERDOS..., 1930), Archivo General de la Nación; cartas y expedientes del cabildo secular de Buenos Aires (CARTAS..., 1707-1757), Museo Etnografico Juan María Ambroseti, Carpeta J, n.16 [ME, J:16]; expediente sobre la concesión de varios arbitrios a la ciudad de Buenos Aires (EXPEDIENTE..., 1748), Museo Etnografico Juan B. Ambroseti, Carpeta I, n. 22 [ME, I-22].

A missão entre os pampas

Concepción de los Pampas foi fundada pelos jesuítas em 1740, ao sul de Buenos



Aires. Ela reuniu, naquele momento, cerca de 350 indígenas que compunham as *tolderias* de 5 caciques pampas e serranos.⁴ Segundo narra o P^e. Pedro Lozano em carta ânua sobre o período, ela originou-se de uma “embaixada” solicitando proteção ao governador diante do cenário de violência instalado na campanha bonaerense. A partir desta iniciativa, os religiosos iniciaram uma nova frente de evangelização por meio de “reduções” dirigidas ao “gentio” destes territórios austrais.⁵ Antes que a missão fosse abandonada por ordem das autoridades bonaerenses, 12 anos depois, trabalharam nela os padres Manuel Querini, Matías Strobel, Jerónimo Rejón, Agustín Viler, Juan Reus e Agustín Rodríguez.

Depois de uma avaliação prévia⁶, e atendendo a determinação de que a redução ficasse afastada da cidade, ranchos e povoados “espanhóis”⁷, ela foi alojada na margem direita do Rio Salado, na área conhecida como “*tierra adentro*”, fronteira entre o povoamento colonial e o espaço controlado pelos indígenas. Era maio de 1740, e com *Concepción de los Pampas* se iniciava uma nova missão para os jesuítas, chamada de “austral” ou “de pampas e serranos”.

Organismos da Igreja e do Estado, as missões deveriam levar “polícia y evangelho” aos territórios em que a presença colonial era frágil, sendo um recurso contra a “descontinuidade geográfica” entre a Europa e o Novo Mundo (DEL VALLE, 2009).⁸ “Vanguardas do império”, elas se propunham a cristianizar a fronteira, e também a expandi-la e domina-la. Sem desconsiderar que a expansão colonial trouxe efeitos devastadores para as sociedades indígenas, estudados por consagrada historiografia, buscaremos aqui refletir sobre a experiência dos missionários neste pequeno povoado assentado no limite das áreas em que viviam parcialidades de índios não submetidos pelos espanhóis.

Os fundadores do *pueblo* foram Manuel Querini e Matías Strobel, que provinham de áreas não ibéricas da Monarquia.⁹ Ambos tinham experiência de trabalho junto aos guaranis e haviam chegado recentemente, em fevereiro de 1740, a Buenos Aires.

“Bajo la cruz y campana”

Segundo a ânua de 1735-1743, as parcialidades dos caciques Yati, Lorenzo Manchado, José Acazuzo, Lorenzo Massiel e Pedro Milán seguiram os jesuítas, junto com uma escolta de soldados, ao local da missão, descrito como oferecendo clima ameno, água doce potável e boa lenha.¹⁰ Em torno de uma rústica capela de adobe e teto de palha, os indígenas distribuíram seus toldos “en forma de calles y con plaza en el medio, donde se erigió la señal de la santa Cruz”. Para a



defesa frente aos grupos inimigos, rodeou-se “al pueblecito con una trinchera muy alta” (LOZANO, 1928, p. 598-599). Poucos meses depois, uma carta de Matías Strobel informava:

Consiste la Reducción en 2 casas [...] de madera y adobe. [...] Interinamente sirve de capilla un toldo de cueros. Está rodeada [...] por una fosa de 2 varas de ancho y profundidad. Proporcionó además el gobernador [...] lanzas y dos cañoncitos, los que tendrán que manejar en caso de necesidad los mismos misioneros, por no saberlo hacer nadie más (Carta de Matías Strobel, 1740 Apud ARIAS, 2007, p. 264).

Depois de um ano, o local mostrou-se sujeito a inundações e o povoado transferiu-se para uma colina próxima: “en mejor sitio, [...] edifícase la Iglesia [...] y la casa de los Misioneros, una y otra de ladrillo” [SANCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 88). Em um informe de 1742, os missionários relataram haver “26 casas o ranchos [...] con otra casa para los PP Misioneros, y una capilla [...] bastantes sementeras de trigo, maíz, zapallos y legumbres. Se sembraron 2 duraznales y [...] varios árboles frutíferos” (ARIAS, 2006, p. 264).

A nova igreja ostentava uma porta frontal em 2 folhas de madeira; seu altar guardava algumas imagens, mas não sabemos se havia retábulos. A pia batismal ficava possivelmente na entrada do templo que não tinha bancos; não havendo campanário, o sino foi colocado em uma estrutura simples de madeira. A sacristia era ligada a um pátio interno, parte de um conjunto de estruturas presentes em outras reduções: o setor habitado pelos padres. De regra, ficavam neles quartos, refeitório e cozinha, a biblioteca e uma capela, além de um depósito. No pátio interno estavam, também, um pomar e uma horta. A este espaço privado era permitido o acesso apenas dos padres e de seus auxiliares da maior confiança, todos homens. Adjacente a ele, ficava um cemitério pequeno, certamente para os convertidos mais devotos; outro, destinado à maioria dos moradores, situava-se em um lugar que as fontes não esclarecem.¹¹

Sobre a praça em torno da qual ficavam os principais edifícios da missão, sabemos que havia uma cruz erguida ao centro, e pouco mais. Contudo, é possível presumir que abrigasse práticas devocionais e festas (MARTINS, 2006), e o cepo onde eram aplicados castigos. A praça seria, também, o local para receber visitantes e ler anúncios públicos (ARIAS, 2006, p. 274).

Em 1746, o P^e Querini informou a edificação de 3 casas continuadas de



adobe”.¹² Não é possível saber se constituíam, como nas missões guaranis, um espaço de trabalho para artífices¹³, mas deveriam abrigar a catequese (ARIAS, 2006, p. 265). Também não há informação sobre a presença, no povoado, de uma “casa das recolhidas” abrigando viúvas ou órfãs, espaço que esteve presente e bastante regulado nas missões guaranis. As fontes também não permitem estabelecer claramente a presença de um “presídio” (isto é, um fortim) no povoado para abrigar os soldados da guarda e os indígenas mercedores de detenção¹⁴.

Relativamente às habitações, Querini escreveu, na carta de 1746, que os pampas tinham “mucho apego a sus toldos de cueros de caballo; para que los dejaran [...] los misioneros les hicieron fabricar casas, unas de tapia, y otras de paja, no ayudando los Indios, si no tal cual, a levantarlas” (SÁNCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 91). Tais casas deviam ser parecidas com os ranchos habitados pela população na campanha: de paredes de adobe, “techos de paja, puerta, quizás una ramada” (ARIAS, 2006, p. 276-277). Segundo o depoimento do soldado Antonio Cabral, colhido pelo Cabildo de Buenos Aires¹⁵, ao menos poucas famílias, apontadas como efetivamente convertidas, mantinham modestos altares em seus ranchos, talvez com algumas velas e pequenas imagens.

Toda esta configuração se prestava ao propósito da “missão por redução”, significando uma ruptura com padrões tradicionais de vida dos nativos, o que certamente envolvia mudar o espaço e a forma como habitavam as famílias. Entretanto, como sabemos, os jesuítas desenvolveram formas de conduzir-se que mantinham uma certa plasticidade; destacaram-se, neste sentido, pelo pragmatismo de tentar compreender o mundo indígena, adaptando-o, quando possível, a novos fins (MARTINS, 2006). Assim, os toldos tradicionais nunca foram totalmente banidos¹⁶, inclusive porque havia sempre uma população flutuante que chegava para visitas, ou novas famílias que se agregavam aos residentes permanentes. Além disto, os homens recebiam permissão de saídas periódicas para a caça de cavalos selvagens, ocasiões em que suas “casas portáteis” eram utilizadas.¹⁷

O povoado iniciado em maio de 1740 com a feição de um acampamento provisório, recebendo, depois, estruturas simples, mas mais bem acabadas, foi abandonado poucos anos mais tarde. Antes que isto acontecesse, acolheu uma população que desafiou os propósitos e a experiência jesuíta na “missão por redução”.¹⁸



Asi se vá mudando y remudando el teatro de este Pueblo

São escassos os subsídios oferecidos pelas fontes sobre o tamanho das populações genericamente chamadas “pampas”, no século XVIII]. Além disto, eles aludem a categorias diferentes (como “famílias” ou “homens de guerra”) e chegam a números desiguais. Embora com dados um pouco discrepantes, os jesuítas corroboram a informação de que os pampas eram poucos, tendo sido atingidos duramente em sua demografia, em especial pelas doenças infectocontagiosas. Quantos deles participaram da fundação da missão? Quantos viveram ali nos pouco mais de 10 anos em que o povoado existiu? Como se compunha esta população?

A sessão de maio de 1740 do Cabildo de Buenos Aires fala em 300 pessoas¹⁹, mesmo número apontado na ânuia de Lozano; já Matias Strobel indica que eram 350 (STROBEL apud MONCAUT, 1981, p. 47-48). Fábian Arias (2006), lidando com dados fragmentários, aponta a progressiva diminuição desta cifra para os anos de 1742 (272 indígenas), 1745 (229 indígenas) e 1746 (195 indígenas), únicos em relação aos quais obteve informação.

Sabemos que havia na missão, afora os indígenas em processo de catequese, um pequeno grupo de trabalhadores contratados, alguns deles guaranis vindos das missões do Paraguai.²⁰ Segundo Arias (2006, p. 229), eles eram 13 no ano de 1743, 26 em 1744, 16 em 1745 e 15 em 1746. Havia, ainda, os milicianos para a defesa do povoado. A respeito deles, o autor obteve dados relativos a 5 anos (1745, 1746, 1750, 1751 e 1752), para os quais oferece os números: 14, 14, 13, 6 e 8, respectivamente. Portanto, o número de moradores com os quais conviviam sempre dois jesuítas, era bastante reduzido.

Mas havia, ainda, uma população que flutuava segundo diversas situações²¹, formada por indígenas vindos de *tierra adentro* para “visitas”, embaixadas políticas ou trocas comerciais. Também circulavam nas imediações, negociantes de bebida (*pulperos*), cuja presença era denunciada pelos religiosos como um obstáculo ao seu trabalho.

Fabian Arias (2006) encontrou que os homens eram maioria na missão, havendo mais homens jovens em condições de casarem-se, do que mulheres. De acordo com o autor, este fato tinha efeitos importantes, pois eles constituíam o grupo menos disposto a aceitar a disciplina imposta pelos padres. É possível conjecturar sobre isto, que as queixas do P^e Sebastián Garau sobre o comportamento dos jovens solteiros em *N^{ra} S^{ra} del Pilar*, sejam extensíveis aos de *Concepción*: “algunos mocetones solteiros [...] los cuales son muy atrevidos,



inquietos, traidores, matadores y grandes ladrones [...] querer sujetarlos es exponerlo todo a la ruina” (GARAU Apud SANCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 166).²²

Aparentemente estes jovens estavam entre os mais propensos a tratos com os comerciantes de bebidas, a participar dos jogos (naipe e dados), e a ausentar-se sem consentimento do povoado. Possivelmente era entre eles que se perfilavam os envolvidos nos ataques (“malones”) a povoados e gado dos *hispano-criollos*. É, de fato, especialmente em relação aos homens que se dirige a exasperação dos padres diante dos obstáculos postos em acolherem as novas condições de vida. Tais dificuldades levam, inclusive, os sacerdotes a considerar alternativas que colaborassem para impor sua autoridade: “Supuesto esto, de que solo el amor no basta para que vayan adelante estos Pueblos, es necessário que se proponga al Rey [...] que se ponga algun freno á la altivez de estos Indios con algun Presidio imediato à ellos”. P^e Sebastián Garau, Pilar, abril de 1751. (GARAU apud SANCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 162-168)”.

A resiliência dos indígenas e sua recusa em atender as expectativas postas sobre eles quando do início da missão²³, faziam parte de um cotidiano que implicava, não obstante, em muitos outros desafios. Como avalia Del Valle, o envolvimento físico, emotivo, intelectual e linguístico dos missionários em missões nos confins da sociedade colonial, significava processos pessoais as vezes inesperados. “Así, las cambiantes relaciones de un sujeto con su cuerpo, su lengua, su nacion son materiales que sirven para explorar los aspectos menos óbvios, pero no por ello menos claros de las dificultades para implantar un régimen occidental en las fronteras” (DEL VALLE, 2009, p. 26).

O chapéu do Padre Falkner

Para cada redução jesuítica costumavam ser designados 2 religiosos, e assim foi em *Concepción de los Pampas*. Segundo Hugo Storni (1980), nenhum era nascido na América, e todos iniciaram sua experiência no Novo Mundo na Província do Paraguai em idades que variavam entre os 33 anos, o mais velho (Matías Strobel), e os 21 anos os mais jovens, Jerónimo Rejón e Augustín Vilert. Como linhas de frente do projeto colonial nas fronteiras, a eles competia uma tarefa tão ambiciosa quanto, possivelmente, desgastante física e emocionalmente.

Sem buscar contrapor a experiência dos missionários à imensamente mais traumática situação indígena, podemos pensar que eles, em tais circunstâncias, também viviam “una aventura perturbadora [...] que implicaba la necesidad



de adaptar sus antaños conceptos del mundo a la extraña nueva realidade” (HAUSBERGER, 2009, p. 64). Esta adequação deveria trazer desafios especiais para os que vinham diretamente da Europa, impondo, também para os demais, dificuldades a que eles respondiam de acordo com as condições de sua formação e personalidade.²⁴ É possível a partir disto, discutir a concepção muitas vezes implícita, de que o preparo dispensado pela Companhia proporcionava aos seus uma integridade e fortaleza que os habilitava para o contato e convívio com a radical alteridade dos indígenas.

Com efeito, sabemos que a escolha de seus membros e o ingresso nos colégios merecia cuidado especial. As Constituições de 1558 estabeleciam a admissão apenas daqueles cujas vidas apresentassem, depois de rigorosa análise, qualidades desejadas para a concepção de prática apostólica da Ordem. Desta maneira, fé devota, obediência, humildade, paciência, resignação e capacidade de controlar os sentidos (a mortificação das paixões)²⁵ eram virtudes esperadas dos jesuítas.

[...] a ideia do noviço jesuíta como futuro mártir [...] não era estranha à formação dos jesuítas em geral. A formação que visava o aperfeiçoamento interno, a exemplaridade de caráter, atributos como a indiferença, a humildade, o apostolismo, contribuíam para investir os jesuítas de uma certa aura de santidade. Os martírios de jesuítas na Europa e nas missões, a partir de 1549, agregaram um novo elemento a essa imagem (CYMBALISTA, 2015).

Entretanto, sem desconhecer este fato, queremos considerar que sua imagem como “os religiosos mais predispostos ao martírio no início da Idade Moderna” (CYMBALISTA, 2015) também é resultado de uma construção retórica, de um esforço de elaboração e divulgação relacionado à prática escriturária dos jesuítas. Ou, ao menos, queremos sopesar esta chave interpretativa para complexificar as análises sobre os modos em que ocorreu a construção de relações sociais entre eles e os indígenas.

A adaptação à vida em missão envolvia, logo de início, abrir mão de algum conforto possível nos Colégios e cidades, para experimentar um cotidiano bastante mais rústico que se refletia, por exemplo, em uma alimentação pouco rica e que, em certos momentos, teve que se adaptar ao que comiam os indígenas.²⁶ Havia carência mesmo de bens como o papel, como denota o recado de Matias Strobel para Jerónimo Rejón: “V.R. cuando me escribe, no



gaste tanto papel em cubiertas de cartas: mire que somos pobres”. (REJÓN apud MONCAUT, 1981, p. 79).

Uma passagem sobre Thomas Falkner que atuou em *Madre del Pilar*, permite vislumbrar outro aspecto da vida materialmente simples dos missionários. Segundo ela, quando o padre incursionava com os índios em expedições de caça a cavalos, “no teniendo plato de peltre ni madera, usaba para ello su sombrero que se fue poniendo cada vez más grasoso hasta que fue devorado miéntras el dormia, por los perros cimarrones que recorren las planícies” (DOBRIZHOFFER apud MONCAUT, 1981, p. 88).

Podemos reconhecer, sem subscrever as narrativas laudatórias das fontes, que os jesuítas se viam sobrecarregados de encargos, o que deveria cobrar seu preço. Precisavam familiarizar-se com as línguas e costumes indígenas, conhecer e manejar seus códigos culturais, suas regras e protocolos de comportamento social. Como curas, celebravam missas diárias, matrimônios, batizados e confissões; precisavam realizar sepultamentos, atender enfermos e moribundos. Também ministravam a catequese separadamente para adultos e crianças.²⁷

Apesar dos seus esforços e das boas expectativas iniciais, apenas uns poucos adultos se comprometeram com a conversão. O embate com a religião tradicional aparece muitas vezes ligado às práticas curativas dos índios. Segundo se queixam os padres, na maior parte das vezes a contenda se resolveu contrariamente a eles (SANCHEZ-LABRADOR, 1936). Em 1749, desde *Pilar*, Strobel se queixou para o colega Jerónimo Rejón que estava em *Concepción*: “Con la canalla de hechiceros estoy todavia peleando; les creen más a estos embusteros que a nosotros” (STROBEL apud MONCAUT, 1981, p. 95).

Uma série de declarações²⁸ tomadas pelas autoridades do Cabildo de Buenos Aires confirma as queixas dos jesuítas. Segundo o cabo Ramón de Aparicio, os indígenas,

[...] no viven como christianos ni se aplican al rezo ni á cosa virtuosa, y esto lo comprueba el que para conseguir los Padres que vengan á oír misa y a rezar y oír la platica y Doctrina [...] es necesario que el Padre salga con la crus y baia el Cavo con soldados y los arreen por delante, y aunque se haze esta diligensia no se consigue nada pues los mas de ellos se van al monte [...]” (INFORMACIÓN ..., 1752, p.6-7).



Leandro de Sosa também declarou que eles iam aos ofícios religiosos apenas forçados, e que não davam mostras de religiosidade esperadas de cristãos. Mesmo as crianças, que os padres procuravam atrair com guloseimas, não eram mais acessíveis que seus pais.

[...] no viven como christianos pues no tienen demostración ninguna de tal, ni estampa, crus, ni santo en sus ranchos, ni jamás les oyo resar voluntariamente, antes si quando van a misa y á la plática que esto lo hasen á instansia del Padre y forsados, unos en la misa estan sentados y otros con la espalda para el altar, y [...] por no hir se escondian en el monte [...] y que los muchachos en medio de que los Padres los agasajan, y agradan dandoles sus pasas y vizcocho, qta y otras cositas solo á fin de atraerlos [...] unos van y otros se esconden siguiendo el mismo metodo y error de sus Padres [...] (INFORMACIÓN..., 1752, p. 19-20).

De forma geral, o inquérito revela falta de progresso com a conversão, panorama que deveria ser desolador aos religiosos, com os pampas adotando posturas até mesmo desrespeitosas como narrado por de Sosa, sobre os que, na missa, davam as costas ao padre. Embora tenhamos que relativizar os ajuizamentos de uma investigação conduzida para estabelecer que a missão era inconveniente, também os jesuítas, depois das esperanças iniciais, registram o alcance modesto obtido. Com efeito, apesar de que as fontes não deixem de trazer relatos edificantes sobre indígenas que se apresentavam tocados pela graça de Deus, a posição da maioria é de rechaço ou descaso, o que deveria ser objeto de frustração. Assim, Sanchez-Labrador (1936, p. 91) afirma que o que mais afligia os missionários era “la indiferencia con que sus neófitos miraban las funciones de la iglesia”, sendo eles, exceto 2 ou 3 famílias, “cristianos de cerimonia ó de nombre”.

Além disto, cabia-lhes supervisionar diversas outras atividades, igualmente desafiadoras e extenuantes, ligadas à administração dos povoados. Em “*Historia de um Pueblo Desaparecido*”, Carlos Moncaut (1981) recupera um conjunto de fragmentos da comunicação entre os jesuítas²⁹ e o Superior, ou ainda com o Provincial e com o Procurador da Ordem em Buenos Aires, que permitem verificar elementos disto. Eles se referem a providências para a vida diária como organizar o trabalho agrícola e a comercialização das poucas manufaturas elaboradas na missão, obter sementes, tecidos, tintas e corantes, ferraduras, madeira para construções etc. São cartas bastante curtas, e não



apresentam a elaboração presente na correspondência oficial dos jesuítas.³⁰ Ao invés de discursos para edificação a serem lidos nos Colégios da Ordem, encontramos nelas situações cotidianas, às vezes de natureza bastante curiosa³¹, circunstâncias em que “Dios ya no se encontraba sino a través de un forzado ejercicio de imaginación” (DEL VALLE, 2007, p. 26).

Os comerciantes de bebida que se instalavam nas imediações do povoado e causavam muita perturbação, eram outro tema que exigia sua constante atenção. Brigas e ameaças, que inclusive colocavam em risco a vida dos religiosos, seriam decorrência da ação destes “Ministros de Satanás”, assim como a indisciplina e violência que os exasperava.

Llegó acá Juancho Manchado, vendio bastante aguardente y el fruto que de esta borrachera [...] ha sido que um yndio borracho por poco no hubiera quemado nuestra vivienda; había arrimado ya un tizon ardiendo a la paja del techo; y por las pendencies y cuchiladas que han tenido entre sí, se nos han ido dos toldos, que todo el año han estado con nosotros. El día antes [...] salió de aqui Juancho Serrano [...]: trajo y vendió también aguardente en los toldos [...]

Es esta la 6ª vez, desde que estoy aqui, que han llegado estos borrachos y pulperos Pampas³² aca con aguardente. [...] V. R. diga a estos infames [...], ya que no nos ayudan en nada en la conversión de sus paisanos y parientes, a lo menos que no nos embaracen. [...] quando están bebidos prorrumpen en pendencies y muertes, como sucedió [...] que por esta causa quedaron tres muertos en la una parcialidade y casi todos heridos de la outra. Y si los Padres poniendose de por médio com manifesto peligro de sus vidas no hubieran embarazado, hubieron perecido todos. (MANCHADO apud SANCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 243-245).

Assim, exigia-se dos missionários atenção constante às tarefas seculares. Ou, como escreveu Ivonne del Valle, havia que “dejar a Dios por Dios, partiendo del claustro para dedicarse a las múltiples labores en Su nombre practicadas” (DEL VALLE, 2009, p. 25).³³ Com efeito, administrar a vida cotidiana dos indígenas reduzidos era condição para levar adiante a missão, em situações que implicavam em processos pessoais de grande envolvimento não só intelectual e físico, mas também psíquico e emotivo.³⁴ No caso de “pampas e serranos”, deveria ainda colaborar para a frustração dos padres, o fato de que os indígenas



não se mostravam dispostos a colaborar com as necessidades do povoado.

Um dos fundadores da missão de *Pilar*, Jose Cardiel ([18--]) diferenciou os indígenas “lavradores” dos “cavaleiros” como pampas e serranos, “sin casas [...] ni sementeras, ni obediencia a sus caciques, vagos [...] toda su vida [...] viviendo siempre dela caza, y del hurto”. Em que pese o acentuado estranhamento cultural declarado no texto, reforçando a necessidade de cautela na sua análise, ele é revelador do desinteresse dos indígenas em mudar seu modo de vida:

[...] por su falta de racionalidad y policia, por su inata inercia, y por el horrible horror, q tienen a todo trabajo, aun que sea p.^a su bien, son los q han hecho sudar y gemir a los varones Apostolicos [...] es menester darles en un todo de comer. [...]. Como no se quieren aplicar al corto trabajo de sus chacras [...] es preciso llevar jornaleros q hagan todo esto [...] y [...] resisten a ser christianos, y se vuelven a vaguear, cazar, y hurtar [...] aun q ayan pedido Padres y prometido ser christianos (CARDIEL, [18--]).³⁵

Desta forma, na perspectiva dos missionários, era preciso administrar constantemente o trabalho dos indígenas que pareciam nunca realizar o que se esperava deles.³⁶ Ou, como se queixou Phillip Segesser nas missões da Califórnia, sobre a natureza esgotadora de suas funções junto aos Pimas, era necessário “empezar cada día como si el anterior nunca hubiera existido” (DEL VALLE, 2009, p. 241). Podemos, assim, falar de um certo paradoxo de quem parte ao Novo Mundo em busca de uma experiência espiritual extrema e se vê na contingência de estar constantemente envolvido em questões seculares, o que podia redundar em uma espiritualidade fugidia e constantemente interrompida (DEL VALLE, 2009, p. 243).

Sem entrar na análise das posições eurocêntricas dos sacerdotes,³⁷ o que queremos ressaltar é a frustração que assoma de seus textos, o dissabor de quem recebe indiferença, desatenção e mostras de que sua presença não era grata. Seus textos evocam uma mediação malsucedida, um diálogo truncado entre as esperanças iniciais e o “fazer desordenado dos indígenas” que, vivendo no mesmo povoado em que os sacerdotes, pareciam habitar tempos e espaços diferentes (DEL VALLE, 2009, p. 240). Certamente, a perspectiva que provinha das reduções guaranis, inclusive por conta da literatura que circulava dentro da própria Ordem a respeito delas, contribuía para desenhar a expectativa de um “Cristianismo Feliz”,³⁸ horizonte que distava muito da realidade da “missão de



pampas e serranos”.

Assim, os missionários sofriam com a falta de empatia dos neófitos: “son tan interesados en lo que necesitamos [...] como los mismos infieles, y [...] no muestran amor y cariño a los Padres (...)” (CARDIEL, 1913, p. 253). E, em tais circunstâncias, ressentiam-se “con los genios altivos y soberbios de los pampas” (SANCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 87), revelando certa amargura, como José Cardiel que observa sua ingratidão e “murmurações”:

Son notablemente pedigueños: vienen a pedir con soberbia, como si todo se les debiese de justicia: se enojan fácilmente en no dándole cuanto piden, y luego dicen: como quieres que me haga Cristiano se no me das todo lo que pido? No agradecen lo que se da, antes bien continuamente estan murmurando que no se les da nada, por más que se les dé (CARDIEL, 1913, p. 209).

A frustração poderia estimular o rigor dos castigos. No caso das reduções de guaranis, María-Morales (2011) faz menção à necessidade de haver uma interferência das autoridades da Ordem no sentido de moderá-los. Analisado as instruções reservadas dirigidas pelo Provincial do Paraguai aos missionários (1637 e 1639), o autor encontra recomendações para que se contivesse o rigor nas punições por mau comportamento. Nas missões austrais, as menções ao uso dos castigos físicos, não aplicados diretamente pelos religiosos, mas pelos soldados, são diversas. Neste sentido, ao ser substituído pelo P^e. Rejón em *Concepción de los Pampas*, Mathias Strobel recomenda a ele que “aperte no cepo” o indígena Pablito Maciel de forma a extrair informação sobre entrada de bebida no povoado (STROBEL apud MONCAUT, 1981, p. 80). Já o P^e. Sebastian Garau, ao pedir energia das autoridades contra o mau comportamento dos nativos, conclui que “só o amor não bastava” para lidar com eles.³⁹ O castigo no cepo, de resto, está presente em várias passagens das fontes sobre a missão.⁴⁰

Conquanto as penas físicas fossem comuns na época, podemos supor que se insinuasse entre os jesuítas um sentimento de desilusão quanto aos resultados de seu esforço, um desapontamento perante expectativas fracassadas, aos quais se acrescentavam outras emoções a serem manejadas.

O terror está em toda parte e a imagem da morte é muito grande⁴¹

Argumentamos até aqui sobre a possibilidade de que, não obstante seu



reconhecido preparo, os jesuítas não estavam imunes a angústias e conflitos emocionais ao enfrentarem o desafio dos *pueblos de indios*. No caso das “missões de pampas e serranos”, propusemos que os resultados pouco consistentes do seu trabalho e a aparente dificuldade de estabelecer uma relação de empatia com a maioria dos indígenas, traziam desconforto e decepção. E estas não seriam as únicas aflições que os missionários enfrentavam, mesmo os mais experientes.

De fato, como apontamos, eles deveriam participar de uma vida não só materialmente muito simples, mas, em muitos aspectos, distante da norma europeia. Nas palavras de Bernd Hausberger (1997, p. 68), o “salto al mundo desconocido de las misiones requería de los jesuitas el abandono de muchas costumbres viejas y amadas”. Expõe-se, assim, o que é, até certo ponto, uma contradição entre a aspiração de instaurar formas de vida ocidental e o imperativo de eles próprios participarem, às vezes, de hábitos muito distintos do que lhes era familiar. Neste aspecto, alguns pontos poderiam ser muito sensíveis. Em Sonora, lamentos em relação à comida deixam ver que “algunos de los platos en la mesa fueron consumidos con repugnancia por falta de alternativas” (HAUSBERGER, 1997, p. 68). Em Maynas, na Amazônia peruana, entre relatos de fome extrema, o padre Lucas de la Cueva, fundador do povoado de *Concepción de Xeberos*, descreve:

Ví [...] muchas ollas en los fogones llenas de monos, ratones, lagartos, [...] y hasta de hormigas y gusanos [...] culebras, aún as más ponçoñosas, [...]. Ví que nada se extrañava ni hasqueava, y que se sustentavan destas immundicias, no sólo lo índios, sino los soldados españoles. Ví que nadie se ahogava con ellas; con que [...] entre en estas viandas [...] sólo en la cabeça de mono aún no he entrado, horrorizado de aquella figura tan de hombre, que [...] se juzgara por de un negro, que tal queda ya asada. También entraré en ella, porque ya tengo reconocido que de todo esto nos tenenos de baler si no queremos perecer [...] (INFORMES ..., 1986, p. 174).

Em um conjunto de cartas e informes que cobrem atividades administradas pelo Colégio de Quito nesta região, os jesuítas queixam-se fortemente do sofrimento quase insuportável ocasionado pelo calor, formigas e mosquitos (INFORMES..., 1986). Nos documentos que analisamos sobre a missão junto aos pampas, quase não há menção a um ambiente natural pouco favorável, em que pese a necessidade de realoca-la poucos meses depois de haver sido



instalada.⁴² Como vimos, contudo, seus missionários estavam sujeitos a uma vida materialmente modesta e a uma dieta pobre, que inclusive envolveu, em algum momento, consumir a carne de cavalo apreciada pelos indígenas, mas inusitada para eles.

Hausberger (1997) e Del Valle (2009) discutiram as implicações do isolamento nas missões do Noroeste da Nova Espanha sobre o ânimo dos padres, e não deve ser equivocado estender suas observações para os que conduziram outras reduções. Segundo eles, a separação da comunidade religiosa e de seu entorno cultural poderia implicar em emoções perigosas como a tristeza e a melancolia, cobrando seu preço sob mais de um aspecto, inclusive no tocante à saúde emocional dos padres.

Jose Neve, chegando à mais distante missão da *Pimería Alta*, se refere ao medo de perder a razão: “de ser tales la tristeza y melancolía de que tengo poseído el corazón en estas soledades que a veces [...] he temido perder el juicio. (...) De estas enfermedades y tristeza es tal la flojedad y tibieza en que me hallo que ni ya tengo oración” (NEVE apud HAUSBERGER, 1996, p. 83). De um modo geral, mesmo avaliando que em *Concepción* não se vivia o mesmo grau de afastamento,⁴³ ainda assim, assentar-se na missão significava submergir no mundo indígena, dada a escassa presença colonial nesta área, situação que justamente se queria reverter.

Desta maneira, ainda que conjecturalmente, pela ausência de dados concretos no caso aqui em análise, consideramos que esta imersão nas sociedades indígenas poderia trazer sofrimento psíquico aos padres, e emoções que manejavam com maior ou menor sucesso, segundo suas condições pessoais. Ela envolvia, por exemplo, como já afirmamos, uma exposição constante e uma entrada intensa no mundo indígena, o que, entre outros aspectos, implicava na necessidade de contenção das pulsões da carne, tema raramente tratado pela historiografia, até mesmo pela dificuldade com as fontes.⁴⁴ Como advertimos, havia em *Concepción* um setor correspondente ao espaço privado dos padres em que as mulheres estavam proibidas de circular, e mesmo entre os homens ele era restringido a uns poucos. Esta situação era vigente em outras missões jesuíticas, sendo bem documentada nas guaranis, pretendendo evitar expor os padres a situações que não correspondiam a um rígido sentido de decoro, que não era, é claro, o mesmo das sociedades nativas.

Cristianizar não envolvia apenas a conversão, mas carregava transformações profundas no modo de ser dos indígenas, inclusive envolvendo o âmbito do corpo e do prazer. Além dos esforços para impor a união monogâmica e



indissolúvel, buscava-se levar os jovens cedo ao casamento, bem como isolar as mulheres sós, questões que ajudam a perceber a preocupação quanto ao lugar que elas ocupavam na comunidade, e a ameaça que representavam. Assim, se as “velhas” eram estigmatizadas por se mostrarem menos abertas a abandonar tradições ancestrais, órfãs e viúvas serão tratadas de forma a diminuir as chances de colocarem em perigo a virtude dos missionários. Cobrir sua nudez⁴⁵ e afastá-las do convívio próximo, deveria ajudar os jesuítas a lidar com as perturbações desta natureza. A própria constituição dos povoados, isolando a área dos padres, revela tal preocupação. Assim é que, no Memorial de 1745, o P^e Querini determina que “para que los Padres puedan vivir con más quietude y seguridad [...] se cerrará nuestro pátio con pared de ladrillo [...]” (MONCAUT, 1981, p. 93).

Finalmente, apesar da literatura edificante costumar ressaltar a entrega dos jesuítas a sua *misio*, ao ponto de diversos terem sido martirizados, não há porque não pensarmos que a intranquilidade, que podia se transformar em medo sob certas circunstâncias, era sua companheira nas áreas de fronteira com os “infieis”. O já referido padre de la Cueva deixou um relato de rara franqueza sobre suas emoções ao empreender uma expedição:

Ellos hablaban entre sí y en su lengua, con voz tan triste, lúgubre y baja [...]. Entré en gran cuydado de si maquinavan algo contra mí [...] confieso los efectos de mi flaqueza, aunque los procure en la ocasión encobrir [...] cerraba la boca y la apretava para que no me oyessen dar diente con diente. Llegava las manos a la cabeça y parece me espinaban los cabelos: tales estaban de eriçados y mi corazón tan poseido de temor y sombras fatales, que puedo decir se hallava todo él en un Ubique pavor et plurima mortis imago” (INFORMES ..., 1986, p. 176).

A área das missões austrais estava envolvida em episódios em que os indígenas se enfrentavam com diversos setores da sociedade colonial, assim como entre si, atualizando antigas rivalidades ou criando novas. Era uma região de trânsito de grupos que vinham de *tierra adentro* e de membros da sociedade colonial que buscavam gado ou sal. Elas eram observadas por líderes cujas posições eram ambivalentes quanto a presença dos padres, assumindo, por vezes, posturas francamente hostis, sendo o risco de confrontação sempre latente. Apesar de que, segundo as fontes, a iniciativa de colocar-se sob a tutela



dos jesuítas partiu dos indígenas, os relatos sobre a década que durou a missão sugerem que, na maior parte dos casos o programa missional não atendia a sua vontade e o mal estar era permanente. Além disto, os embates com os colonos e autoridades dificultavam a conciliação dos indígenas com a nova ordem social. Nestas circunstâncias, o conflito tácito podia desaguar em violência aberta, colocando a todos em risco e gerando situações provavelmente de grande tensão para os padres. *Pilar* foi destruída em 1751, em um ataque liderado pelo cacique Cangapol. O assalto foi predito por Matias Strobel: “Ya va para 2 semanas sentimos de noche a los bomberos de los enemigos. Con tiros de fusiles procuramos asustarlos, pero no hay fuerzas de resistir el tropel grande que vendrá” (STROBEL apud LEONHARDT, 1926, p. 136).

A missão dos pampas também não sobreviveu. A morte do líder Joseph Yati por uma guarnição espanhola e o desagravo de seus parentes, instalaram uma conjuntura igualmente explosiva. No início de 1753 a área em que se criava gado para abastecer o o povoado foi assaltada e seus vigias mortos. “Acercaronse [...] al Pueblo [...] en el camino encontraron dos centinelas, á las cuales degollaron. Para atemorizar á los que estaban dentro de la Reducción, enarbolaron en dos lanzas las cabezas entrando con confusa gritería en la Población” (SÁNCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 155). Um mês depois, os jesuítas e os poucos indígenas leais a eles abandonaram o povoado que foi destruído.

Erguer e desfazer barreiras

Os jesuítas soem ser apontados como excepcionalmente formados para o trabalho nos territórios ultramarinos das monarquias ibéricas. Vários se apresentavam voluntariamente, como se acompanha nas *Litterae Indipetae* em que eles solicitavam seu envio para áreas de missão. Apesar do alto grau de idealismo de muitos, queremos considerar que “el abstracto anhelo de sufrimiento, siguiendo el ejemplo de Cristo y de los santos [...], era una cosa, y la dura y áspera realidad de la vida entre los indios era otra, y esta diferencia muchas veces superaba la capacidad humana de los padres” (HAUSBERGER, 2009, p. 67).

Ou seja, entendemos ser oportuno refletir sobre a vida concreta dos *pueblos de indios* por eles administrados relativizando a inclinação a considerar suas “virtudes heroicas” como imunes às angústias, dúvidas e incertezas. Isto é, as ações dos indivíduos, vistas no tempo, expressam referências coletivas e individuais, e os rastros deixados na documentação deixam vislumbrar



emaranhados de experiências de sujeitos cuja interação constitui os contextos que dão forma à história.

Neste sentido, consideramos que mesmo para jesuítas largamente experimentados no trabalho apostólico, submergir em contextos culturais e linguísticos estranhos, assumindo encargos enormes e tarefas esgotantes, podia ter decorrências complexas. É reconhecido o seu discernimento e capacidade para, no contato com o Outro, tomar decisões para sua *misio*. “Indumentaria, alimentación, la forma de conducirse socialmente, y [...] acciones cotidianas de los misioneros deberían estar dictadas por la observación cuidadosa de la cultura en que participaban” (DEL VALLE, 1989, p. 65). Se isto envolvia algum nível de transformação pessoal, esta tinha que ser uma mudança controlada. Assim, a necessidade de estabelecer empatia com os indígenas e, ao mesmo tempo, distinguir-se deles para afirmar a si mesmos e sua cultura, abria uma série de tensões que devia marcar a subjetividade daqueles homens. Ou seja, para manter o controle sobre si mesmos em ambientes culturalmente estranhos, era preciso erguer barreiras que não poderiam, porém, ser obstáculo à uma relação que tornasse possível construir as desejadas comunidades cristãs com os indígenas, veículo e fator condicionante de uma civilidade desejada. Isto é, podemos reconhecer no discernimento “una práctica propia de un ethos, una forma de ser jesuíta, más podemos considerar que incluso el discernimiento mismo tiene limitaciones. Ante situaciones extrañas, la confusión podría generar miedo, angustia y el ‘sin razón’ entre los jesuítas (PAZ, 2020, *Comunicação pessoal*).

Nas missões austrais, como em outras, havia uma enorme distância cultural entre os religiosos e seus catecúmenos, dado que se apresenta em vários momentos nas fontes: as vezes de forma muito explícita como na aludida carta de 1747 de Jose Cardiel; em outras de forma apenas insinuada. O despreço dos missionários quanto às culturas indígenas em geral, de um lado, e, de outro, a desconfiança da maior parte dos nativos frente a eles, criavam um abismo profundo, apesar do compromisso dos jesuítas com seus protegidos e da genuína afeição de alguns deles quanto aos padres.

Os casos de martírio entre os missionários são conhecidos e inspiraram a elaboração de avultada produção literária. Assim também, é extensa a historiografia que reproduz discursos de edificação. Ao nos determos na reflexão sobre a vida dos missionários nas “missões austrais”, em particular em *Concepción*, não buscamos nos associar a estas perspectivas, nem contrapor os desafios e dificuldades que os padres experimentaram aos efeitos da conquista e colonização sobre os povos nativos. O que propusemos foi - apesar das lacunas



e fragmentação das fontes - ensaiar uma reflexão quanto às implicações da vida numa missão sobre a subjetividade dos missionários.

Referências

ACUERDOS del Extinguido Cabildo de Buenos Aires - 1739-1744. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, 1930. t. 8. Libros 14-25.

ARIAS, Fabián. *Misioneros jesuitas y sociedades indígenas en las Pampas a mediados del siglo XVIII: la presencia misionera Jesuita al sur de la gobernación de Buenos Aires, entre 1740-1753: un análisis de las relaciones entre las sociedades indígenas y la sociedad colonial de una región del extremo sur del Imperio Borbónico*. 2006. Tesis (Doutorado) - Instituto de Estudios de Historia Social, Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Buenos Aires, 2006.

BAPTISTA, Jean T. “Machorras” e “afeminados” indígenas: corpos abjetos nas Missões do Paraguai. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 3, p. 1-15, 2021.

CARDIEL, Jose. *Diario de viaje y misión al Río Sauce realizado en 1748*. Buenos Aires: Imprenta Cony, 1930.

CARDIEL, Jose. *Dificultades que hay en la conversión de Mocovíes, Pampas y Serranos*. Buenos Aires: Archivo General de la Nación, [18--?]. Manuscrito 4390. Sala VII, Legajo 289. Cópia do Arquivo General de la Nación.

CARTAS y Expedientes del Cabildo secular de Buenos Aires - 1707-1757. Buenos Aires: Museo Etnográfico Juan María Ambroseti, 1707-1757, Carpeta J. 16. Copias del Archivo General de Indias.

DEL VALLE, Ivone. *Escribiendo desde las márgenes: colonialismo y jesuitas en el siglo XVIII*. México: Editora Siglo XXI, 2009.

CYMBALISTA, Renato. A Companhia de Jesus nos séculos XVI-XVIII: uma comunidade global de mártires. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., Florianópolis, 2015. *Anais* [...]. Florianópolis: UDESC, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427839878_ARQUIVO_Cymbalista_ANPUH_2015.pdf. Acesso em: 3 maio 2021.

EXPEDIENTE sobre la concesión de varios arbitrios a la ciudad de Buenos Aires para sus gastos y defensas. Buenos Aires: Museo Etnográfico Juan María



Ambroseti, 1748. Carpeta I, 22. Copias del Archivo General de Indias

FELIPPE, Guilherme G.; PAZ, Carlos D. Interseção de subjetividades: a presença indígena na escrita afetada dos jesuítas. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 12, n. 30, p. 198-232, 2019. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1431>. Acesso em: 10 dez. 2021.

FLECK, Eliane C. D.; RODRIGUES, Luiz F. M.; MARTINS, Maria Cristina Bohn *Enlaçar mundos: três jesuítas e duas trajetórias no Novo Mundo*. São Leopoldo: Oikos, 2014.

FURLONG, Guillermo S. J. *Entre los Lules de Tucumán*. Buenos Aires: Talleres Graficos San Pablo, 1941.

FURLONG, Guillermo S. J. *Entre los pampas de Buenos Aires*. Buenos Aires: Talleres Graficos San Pablo, 1938.

FURLONG, Guillermo S. J. *Entre los Vilelas de Salta*. Buenos Aires: Academia literaria del Plata, 1939.

HAUSBERGER, Bernd. La vida cotidiana de los misioneros jesuitas en el noroeste novohispano. *Estudios de Historia Novohispana*, [s. l.], n. 17, p. 63–106, 2009. Disponível em: <https://novohispana.historicas.unam.mx/index.php/ehn/article/view/3444>. Acesso em: 10 dez. 2021.

IGLESIAS, Miriam. “Las misiones jesuitas al sur del río Salado y la frontera bonaerense en el siglo XVIII” In: NEGRO, Sandra; MARZAL, Manuel (coord.). *Un reino en la frontera*. Las misiones jesuitas en la América española. Lima: IEP, 1999. p. 167-172

INFORMACIÓN del cabildo de Buenos Aires. Presentada en 1752 octubre 15, sobre la reducción de Pampas a cargo de la Compañía de Jesús. Buenos Aires: Museo Etnográfico Juan María Ambroseti, 1752. Carpeta J, documento 16. Copias del Archivo General de Indias.

INFORMES de jesuitas en el Amazonas [1660-1684]. Monumenta peruana. Iquitos: CETA, 1986.

IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Obras completas de San Ignacio de Loyola*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1952.

IRURTIA, María Paula. Intercambio, novedad y estrategias: las misiones jesuíticas



del sur desde la perspectiva indígena. *Avá: Revista de Antropología*, Tucuman, n.11, p. 135-167, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=169014141006>. Acesso em: 10 dez. 2021.

JACKSON, Robert. Missões nas margens da América Espanhola. Análise comparativa. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 51-78, 2003.

LEONHARDT, Carlos. *Papeles de los antiguos Jesuitas de Buenos Aires y Chile*. Buenos Aires: Imprenta de la Universidad, 1926.

LOZANO, Pedro. *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguai -1735-1743*. Trad. Carlos Leonhardt. Buenos Aires: [s. n.], 1928. Filme 4683. Trad. Digitada Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 1994.

MARÍA-MORALES, Martin. La respiración de los ausentes. Itinerario por la escritura jesuítica. In: WILDE, Guillermo (ed.). *Saberes de la conversión*. Buenos Aires: SB, 2011. p. 31-60.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. *Sobre festas e celebrações: as reduções do Paraguai*. Passo Fundo: Editora da UPF, 2006.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Índios independentes, fronteiras coloniais e missões jesuíticas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 123-145, 2018. DOI: 10.14295/rbhcs.v10i19.476. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10779>. Acesso em: 28 jun. 2022.

MONCAUT, Carlos A. *Historia de un pueblo desaparecido a orillas del río Salado bonaerense*. Reducción Jesuítica de Nra Sra de la Concepción de los Pampas. Buenos Aires: Min. de Economía de la Prov. de Bs. As., 1981.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape (1639)*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1995.

SANCHEZ LABRADOR, Jose. *Los indios pampa-puelches-patagones*. Buenos Aires: Viau y Zona Editores, 1936.

STORNI, Hugo. *Catálogo de los jesuitas de la Provincia del Paraguay*. Roma: Institutum Historicum S. I., 1980.

WEBER, David J. *Bárbaros: los españoles y sus salvajes en la era de la Ilustración*. Barcelona: Crítica, 2007.



Notas

¹Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e Professora Titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) / Brasil.

²Esta área é conhecida em termos de seu bioma, por “pampa” e, também, como o espaço povoado por distintos grupos indígenas. Associado a este termo está “campanha” (campaña) para referir-se ao *hinterland* portenho. Tal esclarecimento é importante para a melhor leitura do corpus documental.

³Duas outras reduções fizeram parte desta missão: *N^{ra} S^{ra} del Pilar* (1746-1751) e *N^{ra} S^{ra} de los Desamparados* (1752-1753).

⁴Os etnônimos usados neste trabalho respondem ao esforço dos colonizadores em classificar os grupos indígenas, não implicando em auto reconhecimento por parte deles. Além de imprecisas, as etiquetas étnicas “sugieren un sentido falso de pureza ó continuidade étnica. La gente se conocía y se mezclaba, se volvia bilingüe o poliglota, y entraba y salía de los grupos étnicos” (WEBER, 2007, p. 35).

⁵O Superior da Missão, Manuel Querini, escreveu ao governador que a nova redução contribuiria para a segurança de Buenos Aires e serviria “de puerta para la conversión de tanto Gentío que vive en esas dilatadas tierras hasta el Estrecho de Magallanes”. Memorial de Manuel Querini, sobre Concesión de varios arbitrios a la ciudad de Buenos Aires ... (EXPEDIENTE , 1748, p. 9).

⁶Os jesuítas são reconhecidos pelo trabalho sistemático no sentido de reconhecer e narrar, em mapas e diários descritivos, as características naturais e as possibilidades apresentadas pelos espaços que percorriam: “Desde posibles materiales de construcción, recursos alimenticios o hídricos pasando por apreciar las calidades de la tierra o [...] la posibilidad de [...] explotación de alguna materia prima que se pudiera comerciar en los mercados regionales, todas eran preocupaciones de los Jesuitas [...]” (ARIAS, 2006, p. 270).

⁷O termo “espanhóis” pouco elucida a realidade social colonial, muito mais complexa do que esta denominação sugere. Desta forma, ele está sendo utilizado para nos referirmos aos “não índios”.

⁸Não consideramos que esta área fosse uma fronteira no sentido “turneriano”, militar ou geopolítico, mas uma região em que as sociedades indígena e colonial mantinham formas diversas de relacionamento. Cabe lembrar que as fronteiras coloniais se constituem como tal somente para os conquistadores-colonizadores, e não para as sociedades indígenas.

⁹A sobriedade e moderação dos jesuítas não ibéricos costumam ser destacados por Guillermo Furlong nos textos introdutórios das fontes que ele coligiu e publicou. Apesar de reconhecer a importância de estabelecer uma discussão crítica a respeito deste tema, a limitação do espaço para o desenvolvimento deste artigo não permite que a questão seja desenvolvida (FURLONG, 1938, 1939, 1941).

¹⁰Esta escolha envolveu certa tensão, pois os indígenas pretendiam ficar mais próximos da cidade do que quiseram admitir jesuítas e autoridades locais: “Para allanar esta dificultad llamó el goberndador [...] a su presencia los caciques y [...] declárandoles [...] que él de ninguna manera podía darles terreno en la vecindad de estancias de los españoles [...]” (LOZANO, 1924, p. 598-599).



¹¹Estas informações, dispersas nas fontes, foram sintetizadas a partir do trabalho de Fabian Arias (2006).

¹²“Hay que realizar dos aclaraciones [...] es posible que la ubicación de las ‘casas continuadas’ sea la típica, conocida en las misiones del Paraguay, a los costados de la Plaza; a pesar de esto, la forma constructiva probablemente divergía de aquella utilizada en los pueblos de Guaraníes, con su abundante tirantería y grandes columnas centrales que sostenían un techo de tejas a dos aguas, [...], y por la distinta disponibilidad de materiales, las construcciones eran de [...] adobe, techos de paja y en muchos casos de cañas ‘rebocadas’ con una mezcla de barro y paja (ÁRIAS, 2006, p. 269).

¹³Segundo Arias (2006, p.270), é possível que pequena parte dos moradores permanentes elaborasse manufaturas tradicionais vendidas pelo Procurador das Missões em Buenos Aires. Elas eram confeccionadas em couro (arreios, boleadeiras ou laços), ou com plumas de aves. As fontes atestam a importância dos ponchos no circuito de trocas mantido pelos Pampas, mas é provável que eles fossem obtidos através do intercâmbio com parcialidades cordilheiranas, pois a documentação assinala que, no povoado, apenas 3 ou 4 mulheres se dedicavam à tecelagem.

¹⁴Fábian Árias, entretanto, sugere que “posiblemente existiera un simple rancho [...] al lado del cual estaba dispuesto el cepo para los castigos” (ÁRIAS, 2006, p. 294-295).

¹⁵Esta informação discorda do que dizem depoentes como Antonio Cabral, Joaquín Maxiri, Leandro de Soto e Blas Espinoza, segundo os quais os residentes do povoado não dispunham de cruces ou quaisquer imagens sacras em suas casas. (INFORMACIÓN..., 1752).

¹⁶Ao que parece, os indígenas nunca se comprometeram completamente com as casas ao estilo ocidental: “A los últimos años [...] cuando se les caía el techo de la casa, le componían [sus habitantes] pero pagándoles el misionero [...] de otro modo no trabajaban para si mismos ni para [el] bien de su pueblo” (SÁNCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 91).

¹⁷O P^e Charlevoix (1757) conta que, na ocasião de uma epidemia de varíola em 1742, os indígenas pediram licença para se retirar da missão “por el tempo que durase la peste” (Apud: MONCAUT, 1981, p. 61).

¹⁸A “redução” foi um método de missão aplicado pelos jesuítas para a evangelização dos indígenas, implicando na concentração dos nativos em espaços em que deveriam ser doutrinados e levados a viver em “civilización y policia”, segundo os termos da época. A redução pretendeu ser uma alternativa mais eficiente que as missões itinerantes cujos resultados não eram satisfatórios. O método foi definido por Antonio Ruiz de Montoya que assim o descreveu em 1639: “Chamamos reduções os povos de índios que, vivendo à sua antiga usança (...), separados (...), a diligência dos Padres os reduziu a populações grandes e à vida política e humana” (MONTROYA, 1995, p. 71).

¹⁹“[...] cujo numero se componia de tresientas personas de ambos os sexos” (ACUERDOS..., 1930, p. 142-143).

²⁰Estes guaranis que as fontes indicam como “tapes”, isto é, provenientes das missões da margem oriental do Rio Uruguai, desempenhavam funções importantes nas chácaras e na estância da missão.

²¹Sobre *Pilar*, um missionário escreveu: “Entonces sucedieron las mudanzas [...], pues



cada año se van los mas de los toldos de esta Reducion, y vienen otros [...]. Verdad es que alguns buelven outra vez, pero otros no; y asi se vá mudando y remudando el theatro de esto Pueblo [...].” (GARAU apud SANCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 165).

²²Sobre *Madre de los Desamparados*, a avaliação dos missionários era parecida: “no servía de pequeño estorbo a la conversión de los Patagones, la libertad de los Jóvenes. Son estos por lo común inquietos y perturbadores. Quieren vivir coronados de rosas, de sucios placeres [...], buscando pasto a sus apetitos desenfrenados. Los caciques no tienen autoridad para contenerlos, ni se atreven a reprimir sus insolencias” (GARAU apud: SANCHEZ-LABRADOR, [1772]1936, p. 128).

²³Na missão, os indígenas se recusavam obstinadamente a receber instrução religiosa em sua própria língua, sendo que era usual entre os jesuítas valer-se dos idiomas nativos para a catequese. Os pampas argumentavam que a sua não era uma “língua cristã”, enquanto os padres compreendiam a posição dos indígenas como propiciadora de uma indesejada comunicação direta com os espanhóis (SANCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 86-87).

²⁴E preciso considerar, como fizeram Fleck, Rodrigues e Martins (2014, p. 18), que embora abrissem mão de parte de sua individualidade, aqueles que ingressavam na Companhia, não a tinham anulada a ponto de que seus gostos e talentos, temperamentos e formas de agir, não imprimissem marcas no que fizeram.

²⁵Sobre isto, Loyola recomendava especial cuidado “en guardar con mucha diligencia las puertas de sus sentidos, en especial los ojos y oídos y la lengua, de todo desorden” (LOYOLA apud IPARRAGUIRRE, 1952, p. 428).

²⁶De acordo com Martin Dobrizhoffer (1784), “antes que bueyes y ovejas fueran enviados para su subsistencia, los Padres vivian de la carne de caballo, la comida diária de los índios”. De outra parte, em uma carta de 1759, o P^e Stobel, se refere aos biscoitos feitos na missão de Pilar como estando “agusanados” (DOBRIZHOFFER apud MONCAUT, 1981, p. 88, 95).

²⁷“Todos los días [...] hace el misionero [...] una vuelta [...] convocando a los niños para la instrucción [...] de la Doctrina [...]. En la tarde se instruyen también los adultos [...]” (STROBEL apud MONCAUT, 1981, p. 48).

²⁸Elas são parte da já referida iniciativa para justificar o pedido de que a missão fosse transferida ou extinta. Os depoimentos são orientados evidenciar o fracasso da redução como espaço de “civilização” dos índios, e a estes como perigosos inimigos da segurança de Buenos Aires e seu *hinterland* [INFORMACIÓN ..., 1752, p. 16].

²⁹Mais diretamente dizendo respeito à *Concepción* e *Pilar*, haja vista que *Madre de los Desamparados* teve poucos meses de existência entre dezembro de 1750 e o início de 1751.

³⁰Este é o caso da já referida ânua do Padre Pedro Lozano, correspondendo apenas aos anos iniciais da missão dos Pampas. A carta, única que temos para o período, não foi publicada até o momento. Uma cópia sua, em microfilme, pode ser consultada no Instituto Anchietano de Pesquisa (LOZANO, 1928).

³¹Como, por exemplo, ao arbitrar a dívida contraída por Ignacio, índio tape, cozinheiro dos padres, em relação ao “padrasto de Pablo Rodrigues”. Ou no litígio entre o “cacique



Don Joaquín” e “Juan Antonio” em *Concepción*, relatado pelo P^e. Rejón envolvendo a negociação de “un buen caballo parejero”. (MONCAUT, 1981, p. 84, 94).

³²Os nomes de alguns destes *pulperos* indígenas estão registrados na documentação, casos de Juancho Manchado e Juancho Serrano. Sua filiação étnica, a condição de “parentes” era, certamente, um facilitador da comunicação com os demais nativos.

³³“En la búsqueda de la salvación [...] se terminaba dejando de lado ciertos hábitos (decir misa, predicar) y asumiendo nuevos conocimientos y prácticas (el cuidado del ganado, la supervisión de las labores agrícolas, la observación de la naturaleza), en las que sin embargo, Dios ya no se encontraba sino a través de um forzado ejercicio de imaginación” (DEL VALLE, 2009, p. 25-26).

³⁴Este é o tema principal do estudo de del Valle (2009) sobre a Nova Espanha que citamos várias vezes. Já Felipe e Paz (2019) desenvolvem uma potente reflexão sobre os efeitos da situação que os jesuítas experimentaram no Chaco quanto aos processos de compreensão e tradução escrita do mundo indígena.

³⁵Aos problemas que adviriam da “natureza” dos indígenas, Cardiel acrescenta outros que seriam motivados pelo seu contato com os espanhóis que favoreciam o consumo de álcool. (CARDIEL, [18--]), *Dificuldades que hay ...*, ms. 4390, Buenos Aires, Arquivo General de la Nación, Sala VII, Legajo 289).

³⁶Neste ponto, as queixas dos padres vão ao encontro do que relatam os depoimentos do inquérito de 1752. Segundo Juan Galeano, os homens eram “*haraganes*”, trabalhavam “poco ó nada”, passando os dias “jugando en la cancha o [a] la pluma”: “el modo de vida de dichos indios es muy holgazán pues a excepción de unos 7 u 8, como son los Manchado, un indio llamado Pablo Maciel y cuatro o cinco aucaes que trabajan en sementeras, todos los demás no se ocupan sino en las Corridas de Yeguas [...]”. O cabo Ramón Aparicio diz que seus dias se resumiam em “jugar a las bolas, a la pluma, [...] que aún que hay justicia entre ellos, no les obedecen [aos padres]”. (INFORMACIÓN ..., 1952, p. 30).

³⁷Não é demais recolocar aqui a posição, já anunciada, de que não consideramos os relatos coloniais como uma “etnografia” sobre os indígenas, cientes das circunstâncias de sua produção e dos efeitos disto nos registros, inclusive atentando ao que Felipe e Paz (2019) chamaram de “escrita afetada” dos jesuítas.

³⁸Fazemos aqui referência à obra de Ludovico Muratori que começou a ser publicada em 1743, praticamente no momento em que se iniciava missão dos pampas. Em *Il Cristianesimo felice nelle missioni de' padri della Compagnia di Gesù nel Paraguay*, o erudito italiano dirige elogios aos missionários e faz sua defesa frente às polêmicas e acusações dirigidas à Ordem na segunda metade do Setecentos.

³⁹A referência foi feita para *N^{ra} S^{ra} del Pilar*, mas pode ser aplicada ao caso de *Concepción* e aos pampas: “esa Misión necesita de médios temporales, yá para las muchas dadas á los Indios; yá para la manutencion [...] del mismo Pueblo que no es pequeno [...]. Estos índios no quieren trabajar para si, y menos para el comum de la Misión, por lo que es necessário traer Jornaleros, ó Peones de Buenos Aires [...]” (PILAR apud SANCHEZ-LABRADOR, 1936, p. 165-166).

⁴⁰O capitão Antônio Cabral conta que em certa oportunidade, “el Padre Cura [...] le pidio auxilio para castigar dos Indios como se executo en Publico en la Plaza” (INFORMACIÓN



..., 1952, p. 16).

⁴¹“Ubique pavor et plurima mortis imago”, Lucas de la Cueva, 1643, missionário em Maynas. (INFORMES..., 1986, p. 174).

⁴²Nas missões amazônicas de Maynas a instalação em áreas periodicamente alagadas pela cheia dos rios é reveladora do desconhecimento dos jesuítas sobre o sistema de enchentes que atingiam suas várzeas.

⁴³Hausberger (1996) lembra que a solidão de que se ressentiam os missionários não era absoluta e que as missões menos distantes dos caminhos principais poderiam receber visitas ou serem ponto de descanso de viajantes. Assim como as missões de *Sonora* ou *Sinaloa*, *Concepción* fazia parte da complexa sociedade colonial, articulando formas variadas de relação entre missionários, soldados e comerciantes de Buenos Aires, com os indígenas.

⁴⁴Para o caso das missões guaranis, ver Baptista (2021).

⁴⁵Segundo Baptista (2021, p. 3), referindo-se às missões guaranis, “vestidas com uma túnica branca e com um crucifixo como pingente no pescoço, elas emanavam [...] novas moralidades (vestimentas, adereços, posturas, cortes de cabelos, falas, punições, comportamentos, ritos etc.), garantindo [...] a invenção de corpos indígenas femininos próprios das Missões”.